

Migrações internacionais contemporâneas em Foz do Iguaçu (PR): o reflexo na saúde mental das mulheres migrantes

Sandrine Thierssaint¹

Fabiane Mesquita²

Recebido em maio de 2024

Aceito em junho de 2024

RESUMO³

Introdução: O fenômeno da migração acarreta uma série de impactos significativos na saúde, destacando-se a alta prevalência de transtornos mentais entre a população migrante, especialmente entre as mulheres em situação migratória. **Objetivo:** Analisar os reflexos das migrações internacionais na saúde mental das mulheres migrantes em Foz do Iguaçu (PR) e propor formulações de políticas públicas sensíveis a essa questão. **Método:** Trata-se de uma abordagem exploratória de natureza qualitativa, selecionada devido à carência de estudos na área de Políticas Públicas relacionadas ao tema em questão. O estudo consistiu na realização de dez entrevistas semiestruturadas individuais, conduzidas entre os meses de abril e maio de 2024. As entrevistas abordaram os seguintes tópicos: aspectos demográficos, biológicos, psicológicos e de violência de gênero, visando capturar uma compreensão holística das experiências das mulheres migrantes em relação à saúde mental. **Resultado e Discussão:** Os resultados revelaram uma variedade de desafios psicológicos enfrentados durante o processo migratório, incluindo ansiedade, dificuldades de adaptação cultural e social, violência verbal, emocional e assédio sexual. Apesar das dificuldades, algumas mulheres relataram experiências positivas associadas à migração. **Conclusão:** A escassez de estudos com foco específico nas mulheres migrantes sugere a necessidade de pesquisas adicionais. Com base nas respostas das entrevistadas, foram sugeridas formulações de políticas públicas para promover o apoio e o acesso equitativo aos serviços de saúde mental para mulheres migrantes. Para facilitar a compreensão do tema, o artigo foi dividido em quatro seções. Na primeira, apresenta-se a introdução, abordando a temática em questão. A segunda seção descreve o método utilizado. Na terceira seção, contextualizam-se as discussões e os resultados obtidos. Por fim, na quarta seção, são apresentadas as considerações finais.

Palavras-Chave: Migrações Internacionais. Saúde Mental. Mulheres. Foz do Iguaçu.

Contemporary International Migrations in Foz do Iguaçu (PR): The Impact on the Mental Health of Migrant Women

ABSTRACT

Introduction: The phenomenon of migration entails a series of significant impacts on health, with a notable high prevalence of mental disorders among the migrant population, particularly among women

¹ Estudante de Medicina. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: thierssaintandoo@gmail.com

² Mestra e Doutoranda em Políticas Públicas. Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: mesquitafcs@gmail.com

³ O resumo adota o método IMRAD estrutura amplamente usada para escrever artigos científicos na área da saúde por sua estrutura lógica, facilitando a compreensão e a revisão por parte de outros (as) pesquisadores (as).

in migration situations. Objective: To analyze the effects of international migrations on the mental health of migrant women in Iguassu Falls (PR) and propose formulations of public policies sensitive to this issue. Method: This is an exploratory qualitative approach, selected due to the lack of studies in the area of Public Policies related to the subject at hand. The study consisted of conducting ten individual semi-structured interviews, carried out between April and May 2024. The interviews addressed the following topics: demographic, biological, psychological aspects, and gender-based violence, aiming to capture a holistic understanding of the experiences of migrant women regarding mental health. Results and Discussion: The results revealed a variety of psychological challenges faced during the migration process, including anxiety, difficulties in cultural and social adaptation, verbal and emotional violence, and sexual harassment. Despite the challenges, some women reported positive experiences associated with migration. Conclusion: The scarcity of studies focusing specifically on migrant women suggests the need for additional research. Based on the respondents' feedback, formulations of public policies were proposed to promote support and equitable access to mental health services for migrant women. To enhance understanding of the topic, the article has been divided into four sections. The first presents the introduction, addressing the theme at hand. The second section describes the method used. The third section contextualizes the discussions and findings obtained. Finally, the fourth section presents the concluding remarks.

Keywords: International Migrations. Mental Health. Women. Iguassu Falls.

Introdução

Durante um longo período, os estudos sobre migrações internacionais concentraram-se predominantemente nos deslocamentos masculinos, investigando as motivações para deixar uma determinada sociedade e a adaptação dos homens em diferentes contextos sociais. Essa abordagem era influenciada por uma análise que enfatizava as escolhas “racionais”, geralmente centradas na avaliação dos benefícios econômicos da migração. Em contrapartida, a participação das mulheres na migração internacional era frequentemente relegada a um papel secundário. Elas eram frequentemente vistas como seguindo padrões de comportamento estabelecidos pelas normas e políticas existentes, resultando em uma percepção de dependência em relação às decisões, iniciativas e autorizações masculinas (CRISTÓFORIS, 2022).

Entretanto, essa visão deliberadamente restrita não captura toda a complexidade e diversidade das experiências das mulheres migrantes. Tornando-se crucial ampliar o escopo além dessas narrativas convencionais e explorar as nuances e particularidades das migrações internacionais contemporâneas, como salientado por Gregório Gil (1997), reconhecendo a agência das mulheres. É importante destacar que as mulheres estão cada vez mais integradas nas migrações internacionais, tanto em termos físicos quanto simbólicos, desafiando as representações ultrapassadas que limitavam as

migrações internacionais à esfera masculina, centradas exclusivamente nos “trabalhadores imigrantes” e suas “famílias”.

Conforme o Relatório sobre as Migrações no Mundo, dos 281 milhões de migrantes, 48% são mulheres, totalizando aproximadamente 134,88 milhões de mulheres em situação de deslocamento migratório em todo o mundo em 2020. Além disso, observa-se um aumento significativo no número de mulheres migrando individualmente, muitas vezes assumindo o papel de chefes de família. Esse fenômeno é comumente referido como “feminização da migração”, conforme destacado pela Organização Internacional para as Migrações (2022). Todavia, cabe lembrar que a terminologia feminização da migração não reflete um aumento quantitativo na proporção de mulheres migrantes, mas sim uma transformação qualitativa nas características e papéis das mulheres no processo migratório, sobretudo nos anos 80.

No entanto, o Portal de Dados Mundiais sobre a Migração (2021) indica que, nos últimos sessenta anos, a proporção de mulheres migrantes não têm apresentado mudanças significativas. Apesar dessa constatação, é inegável o papel das mulheres na migração internacional, conforme destacado pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (ONU DAES, 2020). Além disso, é relevante ressaltar que, apesar da estabilidade na proporção de mulheres migrantes ao longo das últimas seis décadas, há evidências de que as razões e as tendências de migração feminina têm evoluído significativamente. Como é amplamente reconhecido, cada vez mais mulheres migram em busca de oportunidades educacionais e profissionais, assumindo papéis ativos na busca por uma melhor qualidade de vida para si e para as suas famílias. Contudo, é importante destacar que a migração ocorre de maneira diferente entre homens e mulheres.

Ser mulher e migrante, como observado por Poya (2021), amplifica a vulnerabilidade diante da violência de gênero. Ela destaca que a falta de uma rede de apoio social ou familiar, com a necessidade de se adaptar a um contexto cultural diferente, onde enfrentam múltiplas e interseccionais formas de discriminação e estão sujeitas a um risco aumentado de violência física, sexual e psicológica em todas as etapas da migração, incluindo o tráfico de pessoas e violações dos direitos trabalhistas nos países de trânsito e destino. Com base na literatura especializada, fica evidente o

impacto significativo desses fatores na saúde mental das mulheres em situação migratória. Segundo Quezada, Aguayo e Cabrera Correa (2021), a experiência da migração exerce uma influência considerável na saúde das mulheres, sendo reconhecida como um determinante social da saúde, principalmente no aspecto mental. Embora esse tema seja amplamente reconhecido, é essencial revisá-lo e trazer novas perspectivas, considerando especialmente o crescente número de mulheres migrantes nas migrações internacionais contemporâneas, desde o ano de 2010, no Brasil.

Com base nos dados do Sistema Nacional Migratório (SisMigra), do Observatório Nacional Para Migrações (OBMIGRA), Tonhati e Macedo (2020) identificaram as principais nacionalidades de mulheres migrantes que chegaram ao Brasil entre 2010 e 2015. Segundo suas análises, para destacar as nacionalidades mais representadas, em ordem, foram as argentinas (160.152), uruguaias (19.646), paraguaias (14.083), chilenas (12.682), estadunidenses (9.919), alemãs (5.268), francesas (4.386), portuguesas e espanholas. Além disso, destacaram uma reconfiguração das nacionalidades entre os anos de 2016 a 2019. Durante esse período, observou-se um movimento migratório oriundos de mulheres latino-americanas e caribenhas, com destaque para as venezuelanas (116.653), seguida das argentinas (74.600). Além disso, nesses movimentos, destacou-se que houve um aumento significativo da participação das mulheres haitianas no país, que passaram de 17.526 entre 2010 e 2015 para 37.082 entre 2016 e 2019 (TONHATI, MACEDO, 2020).

Como observado, o número de mulheres migrantes tem crescido no país, sendo importante uma compreensão aprofundada desse fenômeno para aumentar sua visibilidade nos diversos espaços geográficos. Além disso, é sabido que as migrações internacionais ocorrem em diversos Estados brasileiros, e o Paraná se destaca desde 2010, especialmente por receber migrantes (OLIVEIRA, 2016). Em 2023, o Estado contava com aproximadamente 22.359 mil pessoas migrantes de diversas nacionalidades, com ênfase nas cinco principais, Venezuela (13.793), Paraguai (3.528), Haiti (1.102), Argentina (771), Colômbia (733). Quanto à distribuição por sexo no Paraná em 2023, houve aproximadamente 93.191 pessoas do sexo feminino e 108.676 do sexo masculino. Ao analisar a distribuição das pessoas migrantes por cidades no Paraná, é possível observar que alguns municípios paranaenses se destacam como importantes destinos para esses

movimentos populacionais, tais como a cidade de Curitiba (6.052) e Foz do Iguaçu (3.283), de acordo com dados do OBMIGRA (2023).

Além de compreendermos a distribuição geográfica das pessoas migrantes no Paraná, é essencial considerarmos também os reflexos dessa migração, especialmente no que diz respeito à saúde mental das mulheres migrantes. Isso demanda uma análise aprofundada dos aspectos psicológicos, fisiológicos e socioculturais que moldam a experiência migratória. Como é sabido, cada pessoa vivencia esse processo de forma única, enfrentando diversos graus de dificuldades, angústia e resultados sociais e clínicos, que variam consideravelmente, conforme veremos nos resultados.

Assim, somos instigados (as) a refletir, revisar e ampliar as análises, que frequentemente se concentram nas demandas por atendimento psicológico e no acesso (ou falta de acesso) aos serviços de saúde mental para a população migrante, dentre outras lacunas relacionadas ao viés de gênero. Nesse contexto, a saúde mental é percebida como um direito fundamental e um elemento vital para o crescimento pessoal, comunitário e socioeconômico. Em outras palavras, vai além da simples ausência de transtornos mentais, ao sustentar nossas habilidades individuais e coletivas para tomarmos decisões, estabelecermos relacionamentos e influenciarmos o mundo ao nosso redor, como ressaltado pela Organização Mundial da Saúde (2024).

Nessa linha de reflexão, este artigo propõe uma breve análise sobre as migrações internacionais, consideradas aqui, seguindo a perspectiva de Sayad (2008), “como un hecho social total”, com foco nos impactos na saúde mental das mulheres migrantes. No contexto deste estudo, entendemos como mulheres migrantes aquelas que se deslocam de sua residência habitual, região de origem ou país de nascimento para outro local, especificamente na cidade de Foz do Iguaçu (PR), com base nos resultados de 10 entrevistas realizadas nos meses de abril e maio de 2024. Para uma compreensão do tema, o artigo está estruturado da seguinte forma: a primeira seção introduz a temática em questão; a segunda descreve o método utilizado; a terceira apresenta os resultados obtidos e a discussão; e, por fim, na quarta seção, são apresentadas as considerações finais, bem como sugestões para a melhoria dos serviços públicos que prestam atendimento à população migrante, em especial mulheres e meninas residentes em Foz do Iguaçu (PR).

Referencial Teórico

Ao longo das últimas décadas, desde 1990, a América do Sul tem adotado iniciativas significativas para aprimorar o cuidado da saúde mental. A Declaração de Caracas, promulgada neste ano, representou um marco fundamental nesse processo, buscando reestruturar os serviços psiquiátricos e elevar a qualidade do atendimento em saúde mental para as populações da região sul-americana. Nos últimos trinta e quatro anos, observa-se uma série de iniciativas significativas nesta área, como a Resolução CE128.R12(2001), que visa aprimorar a atenção psiquiátrica. Os Princípios de Brasília (2005) representam uma atualização da Declaração de Caracas, em vista dos avanços limitados na realização de seus objetivos, especialmente no que diz respeito ao desmantelamento de hospitais psiquiátricos e à implementação de serviços comunitários (OPAS, 2010).

Em 2007, a Reforma dos Serviços de Saúde Mental foi empreendida para analisar e avaliar a situação dos serviços de saúde mental. Posteriormente, em 2009, foi lançada a Estratégia e Plano de Ação em Saúde Mental para a região das Américas, visando aprimorar a atenção à saúde mental. No ano seguinte, em 2010, um relatório foi apresentado para respaldar as iniciativas de saúde mental no âmbito da saúde pública e dos direitos humanos. Simultaneamente, ocorreu a implementação do Consenso de Panamá, um desdobramento da Conferência Regional de Saúde Mental, onde foram estabelecidos diretrizes e compromissos para fomentar a saúde mental na região, conforme informes da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS, 2010).

Desde então, a região tem testemunhado a implementação de uma série de esforços e iniciativas em vários países da América Latina, visando promover a saúde mental em nível regional. Este impulso é motivado pela compreensão de que a saúde mental é fundamental para um desenvolvimento equilibrado ao longo da vida, desempenhando um papel essencial nas relações interpessoais na dinâmica familiar e na integração social. Além disso, é um elemento-chave para a inclusão plena na sociedade e na economia. A OMS destaca que a saúde mental vai além da mera ausência de transtornos mentais, sendo uma parte indivisível da saúde e a base do bem-estar social

e do funcionamento eficaz das pessoas. Envolve a capacidade de adaptação às mudanças, a gestão de crises, o estabelecimento de relações satisfatórias com outros membros da comunidade e a busca por significado na vida.

Desde então, a região tem testemunhado a implementação de uma série de esforços e iniciativas em vários países da América Latina, com o objetivo de promover a saúde mental em nível regional. Esse impulso é motivado pela compreensão de que a saúde mental é fundamental para um desenvolvimento equilibrado ao longo da vida, desempenhando um papel essencial nas relações interpessoais, na dinâmica familiar e na integração social (OPAS, 2010).

Além das iniciativas voltadas para aprimorar a saúde mental na América do Sul ao longo das últimas décadas, é crucial destacar a interseção entre saúde mental e migrações. A saúde mental, como mencionado anteriormente, desempenha um papel central no desenvolvimento equilibrado ao longo da vida e na integração social. Esses esforços regionais não apenas visam melhorar os serviços psiquiátricos e a qualidade do atendimento, mas também reconhecem a importância de abordar as necessidades específicas das populações migrantes e refugiadas (OIM, 2022). Após destacar as principais iniciativas implementadas, é essencial aprofundar a intersecção entre saúde mental e migrações internacionais contemporâneas com base em referencial teórico relevante e na revisão de literatura pertinente ao tema.

Segundo a literatura teórica, os movimentos internacionais contemporâneos em curso não devem ser compreendidos apenas como uma mudança de país. Autores (as) como Schwartz et al. (2015) enfatizam que as pessoas migrantes podem passar por transformações internas significativas, afetando cada indivíduo de maneira única, especialmente quando consideradas as nuances de gênero. Essa abordagem é embasada na percepção de Judith Butler (1990), que conceitua o gênero como culturalmente construído, destacando a fluidez e a variabilidade das identidades de gênero. Ao reconhecer essa fluidez e ao questionar as normas de gênero estabelecidas pela sociedade, abre-se espaço para uma compreensão mais holística das mulheres migrantes e refugiadas, possibilitando uma abordagem mais sensível às suas necessidades específicas de saúde mental.

Almeida et al. (2016) ressaltam que as mulheres migrantes enfrentam um aumento do risco de doenças mentais, como depressão, esquizofrenia e estresse pós-traumático. Essa situação é atribuída à interação de diversos fatores psicossociais, como migração forçada e seu impacto psicológico, a insegurança prevalente, bem como o risco de tráfico humano. Além disso, a situação migratória em situação indocumentada e a tendência de ocupar empregos de baixa remuneração com condições de segurança inadequadas também contribuem para esse cenário. Outros fatores, como barreiras ao acesso aos serviços de saúde, idioma, mobilidade, tempo de permanência, país de origem, diferenças culturais e aspectos ocupacionais, desempenham um papel significativo na saúde mental das mulheres em situação migratória.

Outra questão importante a ser abordada, com base na análise da literatura, diz respeito à saúde mental das pessoas que se tornam refugiadas e solicitantes de refúgio, com ênfase especial nas mulheres refugiadas. Conforme observado por Hawkes, Norris, Joyce e Paton (2021), as mulheres em situação de refúgio enfrentam uma carga significativa de problemas psicológicos, como estresse pós-traumático, ansiedade e depressão. Destacam que a maioria das mulheres refugiadas experimenta níveis mais elevados de angústia psicológica em comparação com os homens.

Após examinar os desafios relacionados à saúde mental enfrentados por mulheres refugiadas, é necessário ampliar o escopo da análise para incluir também as pessoas migrantes transgênero. A literatura destaca que, em escala global, pessoas Trans enfrentam diversos problemas que afetam à saúde mental, tais como exclusão social e econômica sistemática, estigma, preconceito e violência ao longo de suas trajetórias migratórias, conforme evidenciado no estudo intitulado *“Lived Experiences of Transgender Forced Migrants and Their Mental Health Outcomes: Systematic Review and Meta-Ethnography”* (HERNASZEWSKA et al.2022). Segundo o artigo, é frequente o diagnóstico de condições de depressão, ansiedade e problemas relacionados ao abuso de substâncias. Diante disso, torna-se fundamental abordar as necessidades específicas das mulheres trans migrantes e os reflexos na saúde mental.

Estudos conduzidos por Castro et al. (2022) destacam que mulheres trans migrantes enfrentam não apenas violência e estresse, mas também discriminação no mercado de trabalho, levando-as a recorrer à prostituição como forma de subsistência.

As autoras também ressaltam a prevalência de estresse pós-traumático, sintomas depressivos e ideação de suicídio ao longo da vida.

Ao abordar essa questão, torna-se claro que a saúde mental não é apenas influenciada por fatores individuais, mas também por fatores sociais, culturais e ambientais, especialmente no caso das mulheres. Em alinhamento com essa perspectiva, a ONU Mulheres (2023) destaca que a experiência migratória das mulheres vai além do simples momento da chegada ao destino, ressaltando que o impacto na saúde mental é profundo e frequentemente duradouro em escala global. Tanto o Brasil quanto o Estado do Paraná não escapam desse fenômeno, como revelam estudos, sobretudo no campo da Psicologia.

Nessa perspectiva, Ferreira e Borges-Martins (2022, p. 3) embasados em Dunker (2015), ressaltam que “a imigração vai além de um simples deslocamento subjetivo e social”. Para estes autores, a pessoa migrante “está sujeito a experimentar o desamparo e o mal-estar sociocultural, podendo se deparar com uma condição de indeterminação existencial, caracterizada pelo sentimento de não pertencimento, que se manifesta por meio de expressões de sofrimento”. Os autores também destacam os sintomas observados nas pessoas migrantes, como “despersonalização, tristeza, anedonia, isolamento, ansiedade e incertezas em relação ao futuro, além de queixas psicossomáticas, refletindo a angústia corporal”. Esses autores, ao discutirem os impactos na saúde mental, ressaltam a relevância de reconhecer os desafios enfrentados pela população migrante, embora não forneçam dados específicos sobre a saúde mental das mulheres migrantes. Nessa linha de reflexão, a próxima seção explorará sucintamente a Teoria Interseccional, reconhecendo sua importância fundamental para a compreensão dos reflexos das migrações internacionais contemporâneas na saúde mental das mulheres migrantes e refugiadas.

1.1 Reflexos da Saúde mental das Mulheres Migrantes: Uma Abordagem Interseccional

Embora as ciências sociais ofereçam uma gama de teorias para entender os vários aspectos da migração, nenhuma teoria única consegue capturar completamente

a complexidade desse fenômeno. Isso é especialmente evidente ao tentar analisar os reflexos das migrações internacionais na saúde mental das mulheres, sobretudo em regiões fronteiriças, como no caso de Foz do Iguaçu (PR). A falta de adequação das teorias existentes em abordar plenamente essa complexidade pode ser atribuída à sua limitada consideração das experiências únicas das mulheres migrantes e das múltiplas formas de desigualdade que enfrentam. Diante desse contexto, torna-se essencial analisar as intersecções dessa realidade. A escolha pela teoria interseccional revela-se relevante para análise em saúde mental, reconhecendo como diversas formas de desigualdades podem entrelaçar e amplificar, resultando em desafios únicos, como discriminação e desvantagem.

A teoria interseccional, desenvolvida por Kimberlé Crenshaw (1989), destaca a importância de considerar as interações complexas entre diferentes sistemas de opressão e identidades sociais na compreensão das experiências das mulheres migrantes e seus impactos na saúde mental. Segundo a autora, essa abordagem é essencial para reconhecer e compreender as injustiças estruturais históricas, políticas, econômicas e sociais que contribuem para o trauma vivenciado desproporcionalmente por grupos vulnerabilizados, como a população migrante, tanto nos países de origem quanto nas sociedades receptoras (CRENSHAW, 1989).

Em resumo, a teoria interseccional, quando aplicada ao contexto da migração, oferece uma estrutura para compreender e analisar os diversos marcadores de identidade. Estes incluem o gênero, raça/etnia, classe social, nacionalidade, condição migratória, orientação sexual, religião, faixa etária e deficiência, mas também as experiências de vida únicas e os fatores de estresse associados a essas identidades. Destaca-se, assim, a relevância dessa teoria para a análise desse contexto específico, fornecendo uma visão mais abrangente e sensível das complexidades envolvidas na migração, conforme proposto por estudiosas como Castro et. al (2022). Portanto, a teoria da interseccionalidade reconhece a interconexão dos desafios enfrentados pelas mulheres migrantes em relação à saúde mental, já que estas não podem ser entendidas isoladamente, seja em relação à condição migratória ou à identidade de gênero (MORENO-AGOSTINO *et. al*, 2024).

Método

Este artigo adota uma abordagem exploratória de natureza qualitativa para compreender os reflexos das migrações internacionais na saúde mental das mulheres migrantes e refugiadas em Foz do Iguaçu (PR). A escolha por essa metodologia é motivada pela escassez de estudos na área de Políticas Públicas e busca contextualizar as dinâmicas e desafios enfrentados por essas mulheres, além de permitir uma análise interseccional, especialmente no que diz respeito ao desenho e à formulação das políticas públicas no âmbito da saúde mental, com perspectiva de gênero.

Foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas individuais entre os meses de abril e maio de 2024, abordando aspectos demográficos, biológicos, psicológicos e de violência de gênero. Participaram mulheres de diversas nacionalidades, incluindo chilena, colombiana, congolesa, haitiana e paraguaia, inclusive residentes na cidade fronteiriça. A pesquisa reconhece que o fenômeno da migração impacta a saúde mental das mulheres de todas as nacionalidades, mesmo aquelas que permanecem em seus países de origem.

Após a coleta de dados, foi realizada uma análise qualitativa para identificar padrões e tendências relacionadas às experiências, percepções e desafios enfrentados pelas mulheres em situação migratória. Além disso, consultou-se bases de dados como a Plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA) para complementar a compreensão das tendências das migrações em Foz do Iguaçu (PR).

Resultado e Discussão

Para contextualizar os resultados e a discussão desta análise, é fundamental apresentar algumas características geográficas e socioeconômicas específicas de Foz do Iguaçu (PR). Com uma extensão territorial de 608,357 km², situada no oeste do Estado do Paraná, a cidade possui uma rica história que remonta a 6.000 a.C., conforme evidenciado por vestígios arqueológicos descobertos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). A história de Foz do Iguaçu é marcada por transformações significativas.

Em 1910, o local foi estabelecido como distrito sob a denominação de *Iguassu*, subordinado ao município de Guarapuava (PR). Posteriormente, em 1917, foi elevado à condição de cidade e recebeu o nome que conhecemos hoje, de acordo com dados históricos do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES, 2008).

Ao longo do tempo, Foz do Iguaçu passou por um significativo crescimento populacional. Desde os anos 1960, quando contava com 28.080 habitantes, até 2022, com aproximadamente 285.415 pessoas, houve um aumento de 257.335 habitantes. Esse crescimento reflete a dinâmica da cidade, que também se destaca pela diversidade étnica e cultural, abrigando cerca de 80 etnias, com destaque para a comunidade libanesa, chinesa, paraguaia e argentina (FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ, 2023). Em termos econômicos, Foz do Iguaçu (PR), além de desempenhar importante papel no contexto migratório, também se destaca no cenário econômico nacional. O município ocupa a 59ª posição entre os 5.568 municípios brasileiros, impulsionada pelos setores de turismo e logística, que contribuem para um Produto Interno Bruto (PIB) de aproximadamente R\$ 17,8 bilhões. Além disso, Foz do Iguaçu (PR) é reconhecida como a sexta maior economia do estado do Paraná e como a principal economia da região oeste (IPARDES, 2008, IBGE, 2023).

Antes de adentrar nos resultados específicos desta análise, é importante apresentar as tendências migratórias mais recentes de Foz do Iguaçu (PR). Localizada na Tríplice Fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, a cidade tem sido marcada por intensos movimentos migratórios, influenciados por fatores políticos, econômicos, sociais e culturais tanto do Brasil quanto dos países limítrofes. Em 2023, o município registrou a presença de aproximadamente 3.283 pessoas migrantes, representando uma parte significativa das 22.359 pessoas que ingressaram no Estado do Paraná durante o mesmo período. As principais nacionalidades presentes em Foz do Iguaçu incluem pessoas paraguaias, venezuelanas, argentinas, haitianas, colombianas, libanesas, peruanas, cubanas, equatorianas e indianas (OBMIGRA, 2024).

A análise da distribuição por sexo revela uma dinâmica interessante na composição demográfica de Foz do Iguaçu (PR). Conforme dados do OBMIGRA, com cerca de 109 mil pessoas do sexo masculino e 93 mil do sexo feminino entre as pessoas

migrantes, observa-se uma relativa paridade entre as pessoas migrantes, observa-se uma relativa paridade entre os sexos. Essa paridade observada reflete a mudança no perfil das migrações no Brasil ao longo dos últimos sete anos, sendo impulsionado pela crescente participação feminina nos movimentos migratórios originados nos países do Sul-Global, como apontado por estudos anteriores (TONHATI, MACEDO, 2020).

Dado ao escopo deste artigo e o objetivo de explorar os reflexos das migrações na saúde mental das mulheres migrantes, apresentam-se as percepções das entrevistadas. Foram entrevistadas dez mulheres, com idades variando entre 19 e 37 anos, abrangendo uma diversidade de nacionalidades, incluindo, chilenas, colombianas, haitianas, congoleas e paraguaias. Vale destacar que, entre as entrevistadas, a maioria indicou ser heterossexual, com apenas uma respondente identificando-se como pansexual. Quanto ao estado civil, das dez entrevistadas, oito indicaram estar solteiras, uma casada e uma viúva. Considerando também a raça/cor, os resultados revelam que quatro entrevistadas se identificaram como brancas, uma como indígena, uma como negra e três como pretas. Revelando a ampla diversidade das mulheres migrantes neste estudo.

Quanto aos aspectos das migrações internacionais contemporâneas na saúde mental das mulheres migrantes, uma variedade de experiências e percepções foi identificada. Entre os relatos mais contundentes, destaca-se o aumento da ansiedade como um dos principais efeitos negativos relatados pelas entrevistadas. Além disso, foi observada uma influência significativa na saúde mental, refletida em relatos de desafios emocionais e psicológicos enfrentados durante o processo de migração. As dificuldades de adaptação cultural e social também foram amplamente mencionadas, evidenciando os obstáculos enfrentados pelas mulheres migrantes ao tentar se integrar a um novo ambiente. Segundo o relato de uma entrevistada, *“impacta bastante, é bem difícil deixar a vida toda em outro país e se adaptar a outra cultura, outro idioma e ritmo de vida, sem apoio emocional da família e amigos”*. Outro relato enfatiza que *“no começo quando cheguei em Foz, não me sentia confortável, me preocupava muito a questão de me adaptar. Conseguir um emprego, viver dignamente e não me preocupar com minhas despesas, foi o grande impacto quando migrei”*.

Além disso, segundo uma entrevistada, a migração é bastante “*desafiadora. Principalmente na faculdade com os colegas*”. No entanto, é importante notar que algumas entrevistadas relataram não terem sentido um impacto significativo em sua saúde mental, sugerindo uma diversidade de experiências dentro do grupo estudado, conforme explanação: “*Boa, porque pra mim chegar no Brasil é uma oportunidade de poder estudar, então não fico pensando só nas coisas negativas, mas nas coisas positivas*”. Esses relatos ressaltam a importância de abordagens sensíveis à saúde mental ao lidar com os desafios únicos enfrentados pelas mulheres migrantes. Ademais, essas respostas são corroboradas pela literatura, que indica que o fenômeno da migração está associado a uma variedade de impactos substanciais na saúde, incluindo uma prevalência elevada de aspectos psicossomáticos entre as mulheres em processo migratório.

Quanto aos aspectos psicossomáticos, como estresse, ansiedade e depressão, entre as dez entrevistadas, metade delas relatou sentir estresse em seu dia a dia. A maioria, seis entrevistadas, admitiu ter crises de ansiedade, enquanto sete delas afirmaram experimentar episódios de tristeza profunda ou depressão, sendo que duas relataram ter tido esses episódios algumas vezes. Apenas uma entrevistada não apresentou nenhum desses sintomas. Com base nas respostas obtidas, evidencia-se que a migração é frequentemente acompanhada por sentimentos de angústia, afetando diretamente o bem-estar psicológico das pessoas envolvidas, independentemente da nacionalidade.

Nessa perspectiva, é crucial destacar que, embora a maioria tenha relatado enfrentar estresse, depressão e ansiedade, apenas duas entre as dez entrevistadas buscaram ajuda: uma recorreu à unidade básica de saúde e a UNILA, enquanto a outra procurou assistência no Amor e Saúde e na UNILA. Uma das razões apontadas nas entrevistas são as diversas barreiras que as mulheres migrantes enfrentam em Foz do Iguaçu (PR) em relação à saúde mental, incluindo a falta de suporte na comunidade. Elas enfrentam dificuldades para se expressar, embora reconheçam a importância de desabafar com alguém. Além disso, lidam com obstáculos relacionados à nacionalidade, idioma, racismo, xenofobia, diversidade cultural, discriminação e preconceito. Adicionalmente, a falta de tempo também é um fator limitante, conforme expresso por uma das entrevistadas: “*Não necessariamente por ser migrante, mas a principal razão*

para eu não buscar ajuda é a falta de tempo; minha rotina já é tão preenchida com o trabalho e os estudos que não consigo encontrar espaço para outras atividades". Essa afirmação encontra respaldo em estudos, especialmente os realizados pelo Banco Mundial sobre a gestão do tempo, que revelam uma distribuição desigual entre homens e mulheres em situação de migração. Quanto ao conhecimento sobre programas ou iniciativas em Foz do Iguaçu (PR) que oferecem apoio específico à saúde mental para mulheres, oito entrevistadas afirmaram não estar cientes, enquanto apenas duas relataram ter conhecimento sobre tais programas.

Cabe mencionar ainda, que a violência baseada em gênero é uma realidade preocupante que afeta a saúde mental e a autoestima das mulheres migrantes. Por meio das respostas, averiguou-se reflexos profundos que a experiência migratória causa na saúde mental e bem-estar emocional. Dentre os relatos, a violência verbal emergiu como uma constante entre essas mulheres. *"Desde fofocas e mentiras até preconceitos negativos"*, refletindo não apenas na saúde mental, mas também na autoestima das mulheres. Para algumas, a intensidade dessa violência *"é tão avassaladora que a única solução é se afastar, buscando refúgio na solidão para proteger sua integridade emocional"*. Além disso, a violência emocional também marcou presença nos relatos compartilhados. Uma das entrevistadas descreveu sua experiência: *"Já fui vítima de violência emocional, foi um momento muito difícil que abalou minha essência, levando-me a questionar minha própria valia"*. Foram relatados casos de assédio sexual também. *"Esses episódios me causaram traumas profundos, fazendo com que eu não me sinta segura para andar em Foz do Iguaçu sozinha, isso me atrapalha para fazer coisas simples como ir ao mercado, faculdade e tudo que está relacionado à locomoção"*, relata uma das entrevistadas. Como evidenciado, as mulheres migrantes enfrentam diversas formas de violência, colocando-as em uma posição triplamente vulnerável (MAGLIANO, 2015), impactando diretamente na saúde mental.

Durante a pesquisa, constatou-se que situações de preconceito, racismo e xenofobia têm um impacto profundo na saúde mental e no bem-estar das pessoas que vivenciaram tais episódios, conforme relatado. Por exemplo, uma participante compartilhou sua experiência: *"No primeiro dia que cheguei na Universidade, me disseram: ah, você não vai ter problemas porque é branca"*. Outro relato destacou a

persistência dos sentimentos negativos ao longo do tempo: *“Fiquei muito irritada com meus colegas de curso há 3 anos quando cheguei, e até hoje tenho dificuldade em interagir com eles”*. Além disso, muitas respostas expressaram tristeza, como exemplificado por outra participante: *“Quando experimentei racismo, me senti extremamente triste, mas infelizmente já aprendi a lidar com isso. No momento, fiquei muito chateada, mas depois disse a mim mesma, o que os outros dizem não me define e simplesmente busco realizar ações antirracistas enquanto estudante de cinema”*.

De maneira geral, uma característica comum emergiu nas narrativas: os reflexos das migrações internacionais na saúde mental das mulheres migrantes, independentemente de sua nacionalidade. As entrevistadas relataram impactos significativos na saúde mental, além de diferentes formas de violência, incluindo violência verbal, emocional e assédio sexual.

Embora as mulheres migrantes tenham mencionado seus próprios desafios e reflexos na saúde mental decorrentes da migração, é importante ressaltar que se observou que as experiências das mulheres negras e indígenas são mais complexas. Os relatos evidenciaram que enfrentam, tanto os desafios típicos da migração, mas também o peso adicional da discriminação étnico-racial, agravando ainda mais os efeitos na saúde mental. Todas essas intersecções entre saúde mental e migrações internacionais contemporâneas, foram interpretadas à luz da interseccionalidade como princípio teórico central.

Conclusão

Ao examinar os reflexos das migrações internacionais na saúde mental das mulheres migrantes em Foz do Iguaçu (PR), fica evidente que a temática proposta está alinhada com a vasta evidência científica que indica que a migração constitui um determinante social da saúde. Com base no referencial teórico e na revisão bibliográfica as narrativas apresentadas foram corroboradas, devido à compreensão na qual as populações migrantes enfrentam desafios particulares que os tornam mais propensos à desigualdade na saúde e na violação de seus direitos fundamentais, como a xenofobia, racismo e a discriminação, principalmente as mulheres migrantes, impactando no bem-

estar físico e mental. Como observado, muitas características comuns entre as mulheres migrantes estão correlacionadas com diferentes manifestações de problemas psicossomáticos, como estresse, depressão e crises de ansiedade, além de experiências de violência emocional, verbal e assédio sexual. O racismo, o preconceito e as dificuldades de integração social também contribuem para os desafios enfrentados, exacerbando os problemas de saúde mental. No entanto, algumas mulheres relatam que a migração, apesar dos desafios, não foi traumática, destacando oportunidades positivas, como acesso à educação. Outro ponto averiguado é que, independentemente da nacionalidade, o fato de ser mulher em condição migratória, tanto interna quanto internacional, expõe essas mulheres a uma série de desafios únicos e complexos, tais como apresentados.

Observou-se também que, estudos com esse enfoque específico são escassos no campo das políticas públicas. Grande parte das análises concentra-se nas demandas da população e nas lacunas de acesso aos serviços de saúde. Torna-se, portanto, imperativo adotar uma abordagem interseccional para compreender as especificidades das migrações internacionais contemporâneas. Essa abordagem requer um diagnóstico biopsicossocial abrangente da saúde mental, levando em conta não apenas os aspectos psicológicos, mas também os fisiológicos e socioculturais, e como esses fatores interagem entre si.

Como demonstrado as mulheres migrantes enfrentam uma variedade de desafios psicológicos, e embora suas experiências possam ser semelhantes, as consequências para a saúde mental podem variar significativamente, dependendo da nacionalidade, faixa etária, condição migratória, orientação sexual, e raça/cor. Apesar das constatações realizadas, a evidência disponível sobre os efeitos das migrações internacionais na saúde mental das mulheres migrantes residentes em Foz do Iguaçu (PR) não permite uma compreensão abrangente das migrações internacionais e das interseções específicas, dada a limitação do número de participantes nas entrevistas. No entanto, essa lacuna sugere a necessidade de pesquisas adicionais sobretudo nas políticas públicas.

Além disso, oferece *insights* relevantes para os (as) formuladores (as) de políticas públicas e tomadores (as) de decisão no campo da saúde, com uma abordagem

transversal de gênero. Este assunto ainda não recebeu a devida atenção no estado do Paraná e em Foz do Iguaçu, destacando a importância de uma agenda de pesquisa e políticas mais abrangente nessa área. Em grandes linhas, com base nas respostas fornecidas pelas mulheres migrantes participantes deste estudo, algumas formulações de políticas públicas foram sugeridas:

1. Criação de espaços seguros para que as mulheres migrantes possam se expressar livremente, sem medo, bem como facilitar o acesso a grupos de apoio;
2. Disponibilização de profissionais capacitados para oferecer atendimento na área da saúde mental, com diferenciais de gênero;
3. Ampliação do tempo de atendimento com especialistas em saúde mental, realização de reuniões e conversas para promover a troca de experiências entre as mulheres migrantes;
4. Criação de espaços psicológicos dedicados a população migrantes, sobretudo as mulheres, levando em consideração a diversidade linguística para garantir uma comunicação eficaz entre profissionais e pacientes;
5. Estabelecimento de grupos de apoio para mulheres migrantes, onde possam buscar ajuda e apoio em momentos de dificuldades;
6. Garantia de acesso equitativo aos serviços de saúde mental para mulheres migrantes, eliminando barreiras linguísticas, culturais e sociais que possam impedir seu acesso aos cuidados de saúde.

À guisa de conclusão, torna-se essencial que as políticas públicas municipais e ações em saúde mental sejam sensíveis às necessidades específicas das mulheres migrantes, levando em consideração a transversalidade de gênero e baseada em evidências empíricas.

Referências

ALMEIDA, L. M et al. **The impact of migration on women's mental health in the postpartum period.** Revista de Saúde Pública, n. 50, v. 35, 2016.

BUTLER, J P. **Gender Trouble: Feminism and Subversion**. Routledge. New Fetter Lane, London, 1990.

BRASIL, Paraná. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. **História**, 2024. Disponível em: <https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade/#next>

CRISTÓFORIS, N, DE. **Migraciones y Mujeres: memorias, experiencias y trayectorias en la Argentina (Siglos XIX-XX)**. 1.ed. Buenos Aires: Teseo, 2022.p.302.

FERREIRA, A, V, S; BORGES, L M. **Longe de casa: atendimento psicológico e indicadores de saúde mental de imigrantes universitários**. Psicol. educ. São Paulo, n. 52, p. 64-73, jun. 2021 .

FERREIRA, A. S; BORGES, L. M. **Metamorfoses interculturais: o impacto da imigração na saúde mental de imigrantes universitários latino-americanos**. EDUR • Educação em Revista, [S.l.], v. 38, p. e25665, 2022.

GREGORIO GIL, C. **Análisis de las Migraciones Transnacionales en el Contexto Español, Revisitando la Categoría de Género desde una Perspectiva Etnográfica y Feminista**. Nueva Antropología. N. 74. Distrito Federal, México: Asociación Nueva Antropología. 2011. P 39-71.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil. Paraná. Foz do Iguaçu. **População no último Censo, 2022**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>. Acesso em: 03. Maio. 2024.

Moreno-Agostino, D., Woodhead, C., Ploubidis, G. B., & Das-Munshi, J. A **quantitative approach to the intersectional study of mental health inequalities during the COVID-19 pandemic in UK Young adults**. Revista. Soc Psychistr Epidemiol. N.3. V. 59. Pp 417-729.

OLIVEIRA, C, L. **Os efeitos dos Processos Migratórios na Saúde mental de Mulheres Imigrantes ou Refugiadas a partir de uma Análise Interseccional**. Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica. Ribeirão Preto, 2022.

OBMIGRA. Observatório das Migrações Internacionais. **DataMigraBI**. Campos Darcy Ribeiro/UNB, Pavilhão Multiuso, Brasília, DF, Brasil, 2024.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Salud Mental: Fortalecer Nuestra Respuesta**. Región de las Américas, 2024.

ONU DAES. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas. **Número Total de Migrantes Internacionais (Mediados do Ano) 2020**. In: Portal de Datos Sobre Migración. Una Perspectiva Global. IOM'S GMDAC, Berlin, 2021.OIM.

Organização Internacional para as Migrações. **Migração e Migrantes: Panorama Mundial**. Em: Relatório Mundial sobre Migração 2022 (M. McAuliffe e A. Triandafyllidou, eds.). OIM, Genebra.

OPAS. Organização Pan-americana de Saúde. **Salud mental**. Washington, D.C., EUA, 2001.

POYA, F. **Salud Mental y Bienestar de las Mujeres Migrantes**. Red Europea de Mujeres Migrantes. European Network Of Migrant Women, 2021.

SCHWARTZ, S. J. et al. **Identity in young adulthood: Links with mental health and risky behavior**. J Appl Dev Psychol, 2015.

TONHATI, T; MACEDO, M. **Imigração de mulheres no Brasil: movimentações, registros e inserção no mercado de trabalho formal**. PÉRIPOS, Revista de Pesquisa sobre Migrações. Volume 4 - Número 2, pp. 125-155, 2019.

Quezada, A, L. J; Jiménez, F, Cabrera, J. **Malestares subjetivos y problemáticas psicosociales: mujeres migrantes latinoamericanas y caribeñas en Santiago de Chile**. Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe, 18(2), e47808, 2021.
Martins-Borges L. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. REMHU. 2013; 21(40):151-62.